

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

VERÔNICA TAVARES NETO

AGROECOLOGIA E AGRICULTURA FAMILIAR: A EXPERIÊNCIA DO PRO JOVEM  
CAMPO NA COMUNIDADE DE ANHAIA (MORRETES-PR)

MATINHOS  
2011

VERÔNICA TAVARES NETO

AGROECOLOGIA E AGRICULTURA FAMILIAR: A EXPERIÊNCIA DO PRO JOVEM  
CAMPO NA COMUNIDADE DE ANHAIA (MORRETES-PR)

Trabalho apresentado ao Curso de  
Especialização em Educação do Campo,  
Setor Litoral, Universidade Federal do  
Paraná, como requisito parcial à obtenção  
do título de especialista.

Orientador: Daniel Fleig

MATINHOS  
2011

## Agroecologia e Agricultura Familiar: A Experiência do Pro Jovem Campo na Comunidade de Anhaia (Morretes-PR)

Verônica Tavares Neto<sup>1</sup>;  
Daniel Fleig<sup>2</sup>.

### RESUMO

O Programa Projovem Campo se destina a desenvolver uma política que fortalece e amplia o acesso e permanência de jovens agricultores(as) familiares no sistema formal de ensino, para que através da educação esses jovens possam resgatar a credibilidade na Agricultura Familiar.

O presente trabalho caracteriza a experiência dos educandos no curso Projovem Campo na comunidade de Anhaia- Morretes- PR. Apresenta os desafios da Agricultura Familiar no Brasil, assim como os desafios da Produção e comercialização dos Produtos oriundos da comunidade acima citada.

Hoje temos pequenas hortas nas propriedades dos educandos e uma horta experimental na escola.

**Palavras-chave:** Agroecologia, Agricultura Familiar, Projovem Campo

---

<sup>1</sup> Educando do Curso de Especialização em Educação do Campo-EaD, Universidade Federal do Paraná, Pólo UAB de Paranaguá, e-mail: blankinhaneto@ig.com.br

<sup>2</sup> Educador Orientador, UFPR Litoral.

## 1 CONTEXTO

Com a introdução do projovem Campo na comunidade de Anhaia Morretes, tive a oportunidade de conhecer e caracterizar os educandos e a comercialização dos Produtos agrícolas produzidos pelos mesmos, fazendo assim um estudo de caso nesta comunidade.

Através do curso, os Educandos terão a oportunidade de resgatar a credibilidade e sustentabilidade da propriedade agrícola familiar através da comercialização dos produtos agrícolas produzidos pela comunidade do Anhaia. A Escola Rural Municipal do Anhaia. Além de funcionar como pólo irradiador de uma concepção de produção agrícola agroecológica, com a introdução de tecnologias apropriadas, os agricultores locais (que são os educandos) dispõem de uma unidade demonstrativa, onde podem avaliar a viabilidade de se modificar os sistemas de produção convencionais, e assim conseqüentemente minimizar o êxodo rural.

Os objetivos do trabalho são a caracterização dos educandos e dos desafios da Produção e comercialização dos mesmos.

## 2 Referencial Teórico

A seguir vamos abordar os históricos da Agroecologia no Brasil e os desafios da Agricultura Familiar no Brasil:

### 2.1 Histórico da Agroecologia no Brasil

A interação com as ciências sociais e a visão sistêmica na correlação entre os vários componentes de um agrossistema, são características marcantes na construção da agroecologia.

As duas ciências das quais a agroecologia deriva – a ecologia e a agronomia – tiveram um relacionamento tenso durante o século XX. A ecologia ocupou-se principalmente do estudo de sistemas naturais, enquanto a agronomia tratou da aplicação de métodos de investigação científica à prática da agricultura. A fronteira entre a ciência pura e a natureza, por um lado, e a ciência aplicada e o esforço humano, por outro, manteve as duas disciplinas relativamente separadas, com a agricultura cedida ao domínio da agronomia. Com poucas exceções importantes, apenas recentemente foi votada mais atenção à análise ecológica da agricultura.

Uma das primeiras ocasiões e cruzamento fértil entre a ecologia e a agronomia ocorreu no final dos anos 20, com o desenvolvimento do campo da ecologia dos cultivos. Aos ecologistas de plantas cultivadas interessava onde eram feitos os plantios e as condições ecológicas nas quais eles cresciam melhores.

Nos anos 30, estes ecologistas, na verdade, propuseram o termo agroecologia como ecologia aplicada a agricultura. No entanto, uma vez que a ecologia estava se tornando uma ciência experimental de sistemas rurais, os ecologistas deixaram a "ecologia aplicada" à agricultura para os agrônomos, e o termo agroecologia parece ter sido esquecido.

Após a segunda guerra mundial, enquanto a ecologia movia-se a direção da ciência pura, a agronomia tornou-se cada vez mais orientada por resultados, em parte por causa da mecanização crescente da agricultura e pelo uso difundido de produtos químicos agrícolas. Os pesquisadores em cada área, ficaram menos propensos a ver pontos entre as disciplinas, e a distância entre elas alargou-se.

No final dos anos 50, o amadurecimento do conceito ecologista deflagrou um interesse renovado na ecologia de cultivos e algum trabalho no que foi denominado ecologia agrícola. O conceito de ecossistema forneceu, pela primeira vez, uma estrutura básica geral para se examinar a agricultura a partir de uma perspectiva ecológica, embora poucos pesquisadores, na realidade, a usassem dessa forma.

Muitas outras formulações se sucederam nos anos 60, como os princípios da ecologia agrícola em 1965 por Tischler. Destacam-se os estudos de E Odum, na

área da ecologia das espécies. A condição da Agroecologia ciência e seu enfoque sistêmico no estudo de agroecossistemas, ganha grande impulso os trabalhos de Miguel Altieri, e seus estudos sobre os sistemas tradicionais e indígenas.

Ao longo dos anos 60 e 70, o interesse em aplicar a ecologia à agricultura gradualmente ganhou ímpeto com a intensificação da pesquisa de ecologia de população de comunidades, a influencia crescente de abordagens em nível de sistemas e o aumento da consciência ambiental. Um sinal importante deste interesse em nível internacional ocorreu em 1974, no Primeiro Congresso Internacional de Ecologia, quando um grupo de trabalho desenvolveu um relatório intitulado "Análise de Agroecossistemas".

Na medida em que mais ecologistas, nos anos 70, passaram a ver sistemas agrícolas como áreas legítimas de estudos, e mais agrônomos viram o valor da perspectiva ecológica, as bases da agroecologia cresceram rapidamente. No início dos anos 80, a agroecologia tinha emergido como uma metodologia e uma estrutura básica conceitual distinta para o estudo de agroecossistemas. Uma influência importante durante este período veio dos sistemas tradicionais de cultivo, dos países em desenvolvimento que começaram a ser reconhecidos por muitos pesquisadores como exemplo importante de manejo de agroecossistemas, ecologicamente fundamentados (por exemplo, Gliessman, 1978; Garcia e Amador, 1981).

Com o crescimento de sua influência, a agroecologia contribuiu para o desenvolvimento do conceito de sustentabilidade na agricultura. Enquanto a sustentabilidade fornecia uma meta para focalizar a pesquisa agroecológica, a abordagem do sistema integral da agroecologia e o conhecimento de equilíbrio dinâmico proporcionavam uma base teórica e conceitual consistente para a sustentabilidade. Em 1984 diversos autores estabeleceram a base ecológica da sustentabilidade nos anais de um simpósio (Douglass, 1984); esta publicação teve um papel destacado na solidificação da relação entre a pesquisa agroecológica e a promoção da agricultura sustentável.

Hoje a agroecologia continua a fazer conexão entre fronteiras estabelecidas. Por um lado, a agroecologia é o estudo de processos econômicos e de agroecossistemas, por outro, é o agente para as mudanças sociais e ecológicas complexas que tenham necessidade de ocorrer no futuro a fim de levar a agricultura para uma base verdadeiramente sustentável.

Seção (Extraída e adaptada de Agroecologia – Processo Ecológico em Agricultura Sustentável – Stephen R. Gliessman, 2000).

## **2.2 Agroecologia - uma perspectiva transformadora em construção: desafios e potencialidades**

As elaborações e iniciativas agroecológicas, bem como as iniciativas da industrialização de pequeno porte, da economia solidária, da venda direta e outras iniciativas populares incorporam importantes acúmulos a serem potencializados como instrumentos de resistência. Mas, sobretudo quando junto a estes se incorporem elementos de dimensão estratégica, entende-se que, aos mesmos, além de contribuir na superação das dificuldades mais imediatas, podem contribuir decisivamente na construção de uma nova ordem embasada em um novo paradigma, para uma Sociedade Sustentável.

A construção da agroecologia no Brasil foi protagonizada pela sociedade civil em processos locais e/ou regionais, mais ou menos organizados. Evidencia-se como uma luta de resistência isolada por um enorme número de agricultores camponeses (definidos por Maria de Nazareth Baudel Wanderley - 1996), como aqueles que tem particularidades que os especificam no interior do conjunto maior da agricultura familiar e que dizem respeito aos objetivos da atividade econômica, às experiências de sociabilidade e à forma de sua inserção na sociedade global", que mantém uma relativa autonomia face à sociedade global.

Paralelamente, a agroecologia é assumida de forma mais organizada em inúmeras experiências como reação de oposição e enfrentamento ao sistema e seu

modelo, bem como propositiva na geração de renda, superação das dificuldades ambientais, e na preservação da saúde e busca de melhor condição de vida.

Estas iniciativas vêm crescentemente se multiplicando e fortalecendo junto a agroecologia uma visão científica sistêmica, holística e estratégica, envolvendo valores e perspectivas transformadoras. Desafiando assim de forma propositiva a atual lógica de desenvolvimento através do exercício de uma nova prática sócio política, produtiva e ecológica. Como afirma Eduardo Servilla Gusmã – durante seminário com os movimentos populares rurais do Rio Grande do Sul em 2002, caracterizando a agroecologia aplicada junto aos movimentos com: "uma luta política efetiva que mostra que é possível viver de outra forma". Ou como defende Henrique Leff (2001) – associado a agroecologia a uma nova lógica de desenvolvimento, onde:

"A agroecologia incorpora o funcionamento ecológico necessário para uma agricultura sustentável, mas ao mesmo tempo introjeta princípios de equidade na produção, de maneira que suas práticas permitem um acesso igualitário aos meios de vida".

A dimensão estratégica passa pela criação de uma identidade de projeto e pelo desenvolvimento da capacidade propositiva coletiva mais ampla. "Considera-se a construção de identidade de projeto quando os atores sociais, utilizando-se de qualquer tipo de material cultural ao seu alcance, constroem uma nova identidade capaz de redefinir sua posição na sociedade e, ao fazê-lo, de buscar a transformação de toda a estrutura social (...)" ( Castells, 1999 citado por Carvalho, 2002). A dimensão de protagonismo e identidade tornam os cidadãos sujeitos.

Na definição de Castells, 1999, (citado por Carvalho, 2002). "Sujeitos não são indivíduos, mesmo considerando que são constituídos a partir de indivíduos. São atores sociais coletivos pelo qual indivíduos atingem o significado holístico em sua experiência. Neste caso a construção da identidade consiste em um projeto de vida diferente, talvez com base em uma identidade oprimida, porém, expandindo-se no



sentido de transformação da sociedade como prolongamento desse projeto de identidade (...)".

Mudança na matriz de consumo e nas práticas de produção, valoração e respeito à diversidade cultural, o exercício efetivo de valores como a solidariedade, equidade, igualdade e mudança de concepção de mundo, são básicos para uma perspectiva sustentável.

Quanto as preocupações com o meio ambiente, estas se popularizam crescentemente, mesmo que fortemente impulsionadas pelas conseqüências e limites que o esgotamento dos recursos naturais impõe, ou seja, pelo que se pode chamar de terapia do medo proporcionado pelas previsões das reações e adversidades ambientais. Embora estas questões levantadas impulsionem mudanças positivas, não proporcionam obrigatoriamente quebra de paradigma. Isto se concretiza na medida em que as iniciativas nesta área provoquem mudanças na estrutura de pensamento envolvido, ou seja, quando ocorre uma nova consciência ambiental capaz de perceber o humano como parte da natureza, incluindo-se em um sistema ecológico, numa interação positiva co-evolução e não mais de concorrência e/ou competitividade.

Uma ecologia não centrada no ser humano, mas que reconhece o valor intrínseco de todos os seres vivos, inter-relacionados e interdependentes, sendo este apenas um fio particular da teia da vida.

A teoria da evolução competitiva resultante da tradução a seleção natural, através da supremacia do mais apto, do mais forte, precisa ser substituída pela teoria da co-evolução embasada nas interações positivas. Sobrevive melhor, aquele que melhor se relaciona com os demais. É a lei da colaboração e da solidariedade entre os seres, da complementaridade e até mesmo interdependência. Esta co-evolução se estende na interação do humano na natureza e também na interação entre os humanos como parte da natureza que são.

A cultura é o outro elemento fundamental, porque dá sentido à vida, à organização social e até mesmo à organização econômica de um povo. Para a

viabilização do capitalismo criou-se uma estrutura de pensamento alicerçada numa escala de valores e excitações da subjetividade humana, que despertam o consumismo, a disputa e a exacerbação do individualismo. Condiçãoou-se o exercício da auto-estima e do reconhecimento à racionalidade das posses ( - é mais quem tem mais – ou é valorizado pelo que tem), criando-se uma perspectiva de acumulação ilimitada, dissociada das reais necessidades do indivíduo envolvido. As individualidades e as particularidades culturais não são consideradas. O respeito à diversidade cultural, envolvendo a reconstrução de valores como a solidariedade, e a satisfação das perspectivas locais e endógenas de uma população, importantes para uma sociedade sustentável, caracterizam uma possibilidade concreta de contra-hegemonia à massificação cultural.

Muitos autores como Leonardo Boff e outros, propõem sim um aspecto novo que deve perpassar todas as culturas. Trata-se da Bioética = ética da vida universal.

Assim associada a uma perspectiva mais ampla, a agroecologia, mais do que um ponto de chegada é uma forma de caminhar, onde cada avanço deve ser assumido e incorporado de forma cumulativa, sendo que, "o fim é também o caminho que percorremos para atingi-lo". Portanto mesmo como estratégia de resistência, mas principalmente como parte numa estratégia de transformação, a agroecologia pode ser assumida como importante tarefa (somada a outras tarefas) na quebra de paradigmas e construção de uma nova ordem.

### **2.3 Desafios da Agricultura Familiar no Brasil**

A opção pela Agricultura Familiar se justifica pela sua capacidade de geração de emprego (da família e de outros) e renda à baixo custo de investimento. A sua capacidade de retenção da população fora dos grandes centros urbanos é fator fundamental na construção de alternativas de desenvolvimento. Sua capacidade de produzir alimentos a menor custo e, potencialmente, com menores danos ambientais, impulsiona o crescimento de todo o entorno socioeconômico local. A

falta de incentivos á Agricultura Familiar tem gerado a marginalidade dos jovens trabalhadores e trabalhadoras, envolvendo-os em drogas, prostituição, gravidez precoce, etc.

A agricultura é o principal agente propulsor de desenvolvimento comercial e,conseqüentemente, dos serviços nas pequenas e médias cidades do interior do Brasil. Basta criar incentivos á agricultura para que se obtenham respostas rápidas nos outros setores econômicos, pelo seu efeito multiplicador. É também condição fundamental para que haja uma sobrevida para a economia da grande maioria dos municípios brasileiros. É o desenvolvimento com distribuição de renda no setor rural que viabiliza e sustenta uma qualidade de vida do setor urbano.

Segundo pesquisa recentemente feita pela CONTAG/CUT, em várias áreas do país, a Agricultura Familiar ainda é a forma preponderante de produção agrícola.

Se devidamente apoiada por políticas públicas e ancorada em iniciativas locais, pode se transformar no grande potencializador de um desenvolvimento descentralizado e voltado para uma perspectiva de sustentabilidade.

O desenvolvimento e o fortalecimento da Agricultura Familiar se dará através da implementação de diversas iniciativas, que deverão estar interligadas para que possam produzir os efeitos desejados. O Programa Nacional de Apoio á Agricultura Familiar (PRONAF) e os Fundos Constitucionais são algumas iniciativas, não podendo, entretanto, a ação estatal se esgotar apenas na disponibilização de recursos para crédito de custeio. É fundamental agilizar os procedimentos das linhas de crédito de custeio e investimento, assim como a reformulação de toda a infraestrutura produtiva e social, para atender as necessidades da Agricultura Familiar.

As políticas de apoio á Agricultura Familiar, devem, inclusive, contemplar aquelas atividades não-agrícolas como, por exemplo, a industrialização, a produção artesanal e o turismo rural, atividades com grande potencial de geração de renda e ocupação.

Outro elemento que deve estar integrado ás políticas fundamentais de fortalecimento da Agricultura Familiar diz respeito à priorização de investimentos

públicos para garantir serviços de pesquisa, experimentação, difusão, assistência técnica e extensão rural, comprometida com a sustentabilidade e adaptados aos meios de produção familiar.

Existe um conjunto de iniciativas para o fortalecimento da Agricultura Familiar que dependem muito da ação sindical como, por exemplo, organização, comercialização e gestão de produção; diversificação agroecológica e planos de desenvolvimento local. Este conjunto de proposições deve estar articulado a uma política de produção de alimentos e soberania alimentar da população brasileira, como parte integrante da estratégia de desenvolvimento.

Por outro lado, a gestão da unidade produtiva precisa ser considerada como o exercício prático da democracia. Se todos os membros da família têm um papel e uma função no processo produtivo, têm direito a tomar parte nas decisões e nos resultados. Para isso, é preciso valorizar o trabalho das mulheres e dos jovens na agricultura em regime de economia familiar, construindo relações sociais de gênero, geração e etnia igualitárias e solidárias no cotidiano dos trabalhadores e trabalhadoras. É preciso entender que a Agricultura Familiar só se viabiliza a partir de uma economia solidária. Nesse sentido, a gestão coletiva da produção se apresenta como uma alternativa concreta, através da prática da cooperação:

### **3 Descrição da Experiência**

A experiência do Projovem Campo na Comunidade do Anhaia – Morretes, teve início em fevereiro de 2010.

A idéia era aumentar o nível de escolaridade e qualificação profissional dos produtores rurais da comunidade.

#### **3.1 Caracterização do local de Estudo**

Morretes fundada em 31 de outubro de 1773 por João de Almeida, possui uma economia baseada na agricultura e no turismo. São produtos agrícolas cultivados em Morretes: banana, mandioca, maracujá, cana-de-açúcar, etc. Como referência turística, temos a Igreja Matriz de Nossa Senhora do porto, a Rua das Flores, o Rio Nhundiaquara que corta a cidade, e os restaurantes construídos as suas margens.

Estes pontos turísticos estão localizados no centro da cidade. Já na zona rural, podemos citar o porto de cima situado aos pés da Serra do Mar, procurando pelos turistas para prática da bóia- cross. Outras localidades procuradas são o Recanto Mãe Catira, Castinha, e cachoeiras como Salto do Redondo, Salto dos Macacos e o Salto da Fortuna, este localizado em nossa região.

A comunidade a que pertencem os educandos denomina-se Mundo Novo do Anhaia. Recebeu este nome pelo seguinte motivo:

Antigamente, havia muitos engenhos de erva-mate e em deles trabalhava uma escrava de nome Anhaia. Por ser uma Ama de Leite muito carinhosa com os filhos dos senhores de engenho, foi presenteada com uma casa, nas proximidades da casa grande. Este local ficou conhecido como “o Mundo Novo de Anhaia”.

Para ressaltar a importância de nossa comunidade lembramos que Anhaia é o berço de Rocha Pombo e uma comunidade citada no hino Morretense.

### **3.2 Programa Pró-Jovem:**

O Projovem Campo- Saberes da Terra constitui-se no Programa Nacional de Educação de Jovens integrada com Qualificação Social e Profissional para Agricultores /as Familiares implementado pelo Ministério da Educação por meio da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD) e da Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (SETEC). O Programa se destina a desenvolver uma política que fortaleça e amplie o acesso e a permanência de

jovens agricultores (as) familiares, situados na faixa etária de 18 a 29 anos, no sistema formal de ensino.

O Projovem Campo- Saberes da Terra tem como finalidade proporcionar formação integral ao jovem do campo por meio de elevação da escolaridade, tendo em vista a conclusão de Ensino Fundamental com qualificação social e profissional e potencializar a ação dos jovens agricultores para o desenvolvimento sustentável e solidário de seus núcleos familiares e suas comunidades por meio de atividades curriculares e pedagógicas, em conformidade com o que estabelecem as Diretrizes Operacionais para Educação Básica nas Escolas do Campo- Resolução CNE/CEB Nº 1 de 03/04/2002.

Na comunidade temos mais de vinte educandos matriculados no Projovem, no entanto, aproximadamente 14 tem frequência satisfatória. Desses 14 a maioria possui mais de vinte e nove anos de idade. São mulheres que casaram muito cedo, mães com número elevado de filhos. Filhos esses que vão junto para a escola, e lá são direcionados para participarem do trabalho voluntário do marido de uma das educadoras.

Só assim conseguimos manter estas mães em sala de aula. Lá nosso trabalho é como uma grande família. O vínculo que criamos em um ano é muito grande.

No Projeto Político - Pedagógico do Projovem é garantida a Integração dos saberes. Essa integração é feita por meio do confronto dos saberes dos educandos e de suas comunidades, saberes dos educadores com os conteúdos das disciplinas do ensino Fundamental, assim como questões da qualificação profissional componentes do Arco Profissional Produção Rural Familiar.

Sempre é realizado o diálogo de saberes ( saberes populares, saberes científicos, tecnológicos, profissionais e ambientais), entre outros na construção de um novo saber. Um saber Humano nas cinco dimensões trabalhadas no Programa (cognitiva, ética, estética, política e técnica). Portanto, um saber humano que

contribua com a transformação da realidade cultural, garantido a qualificação social e profissional dos educandos, bem como a dos educadores e das Coordenações.

### **3.3 Caracterização da Produção e Comercialização Local**

Em Morretes, mais especificamente na nas comunidades de Anhaia, a agricultura é voltada é voltada para a produção de banana, maracujá e mandioca. Estas culturas são produzidas em grande escala nas propriedades de poucos.

O restante da produção é bem pequena e voltada para o consumo da família. Aqueles que comercializam seus produtos, o faz de forma pouco valorizada.

A produção é entregue aos atravessadores que levam para o SEASA em Curitiba, ou entregam nas lojinhas da cidade. Isto ocorre devido a falta de transporte, visão dos produtores e incentivo Municipal.

Existem pequenas agroindústrias na comunidade. Uma de bala de banana, outra de cachaça e outra de melado e rapadura. Esses produtos são passados para os atravessadores por preços bem baixos, desmotivando e gerando descrédito em relação à Agricultura Familiar. Quando começamos, encontramos produtores que não tinham se quer uma horta em casa para consumo. A maioria só morava na comunidade e trabalhava na cidade em trabalhos como: auxiliar de cozinha, auxiliar de produção, na gráfica da cidade, faxina ou até mesmo como caseiro nas chácaras dos vizinhos.

Produtores que realmente viviam da agricultura tínhamos apenas dois. O processo é lento, já dura um ano. Assim sendo, através do curso Projovem e de todo aprendizado coletivo conseguido pelos educandos, dentro e fora de sala de aula, estamos modificando esta realidade.

Hoje com a horta escolar experimental criada pelos próprios educandos através da disciplina tempo comunidade, já podemos encontrar nas propriedades uma pequena horta com pelo menos temperos e algumas folhosas.

Nas propriedades onde já existia a horta, agora esta também participa através da produção de sementes para a horta da escola. Também podemos citar como exemplos de mudanças, a propriedade de uma educanda que agora já começa a fazer a comercialização de alguns produtos excedentes na propriedade, para os turistas no final de semana que passam pela comunidade.

Essa venda é feita diretamente na porteira da propriedade. Funciona como um lazer para o turista e como uma possibilidade de um ganho extra para a educanda e sua família.

#### **4- Considerações Finais:**

A Agricultura Familiar só se viabiliza a partir de uma economia solidária, combinada ao uso de novas tecnologias e diversificação dos meios tradicionais de produção. As formas coletivas de produção e comercialização se apresentam como uma alternativa concreta, através da prática da cooperação, associativismo e parceria.

Sabemos que a agricultura ecológica é uma opção consistente para a permanência dos jovens no meio rural, proporcionando-lhes qualidade de vida. Mas entendemos que as demandas dos jovens são mais amplas. Faz-se necessário também trabalhar a identidade, promover a auto-estima e viabilizar as condições básicas atualmente requeridas pela juventude rural no que diz respeito à educação, saúde e lazer.

É para dar conta dessas perspectivas mais amplas que desenvolvemos atividades mais coordenadas, em apoio as de formação realizadas pela Pastoral da Juventude, a fim de criar um trabalho com a segunda geração de agricultores ecologistas. A idéia é fazer uma reflexão com esses jovens sobre os limites presentes em relação à agricultura como um todo e à ecológica em particular, visando a construção de alternativas que possam viabilizar a manutenção dos jovens, com qualidade de vida, no meio rural.



A principal estratégia que temos adotado para proporcionar a esses jovens, melhores condições para pensar em sua condição atual no meio rural consiste em uma série de atividades de formação, compreendendo cursos e oficinas. Essas atividades possibilitam a reunião desses jovens, que se encontram bastante dispersos no meio rural, criando momentos ricos para a troca de experiências e a elaboração de propostas coletivas para a juventude, além do fortalecimento individual de cada jovem participante.

Como visitas técnicas em feiras livres nas grandes cidades: Como Passeio Público em Curitiba, e visitas às propriedades da redondeza para troca de idéias. Realização de eventos culturais como: coral natalino; oficina de artesanatos recital de poesias, os princípios são positivos, mas colocá-los em prática é o desafio.

Os agricultores reconhecem a importância dos estímulos externos não somente para trazer idéias, referências ou técnicas novas de fora, mas também para contribuir a criação ou facilitar novos espaços sociotécnicos e novas oportunidades sociais de diálogo técnico. Eles citam as visitas de intercâmbio entre produtores, as excursões de estudos a outras regiões, as demonstrações e os treinamentos que proporcionam uma aprendizagem coletiva ao grupo, na base da prática e da experiência comum.

Nossa caminhada só está começando para continuá-la, é fundamental conseguirmos mais recursos para possibilitar novas idéias, e desenvolver o trabalho.



## Referências:

ARROYO, Miguel Gonzalez. Por um tratamento público da educação do campo. Por Uma Educação do Campo, Brasília, n.5, 91-108, 2004.

----- . Secretaria Geral da Presidência da República. (2005). Projovem: Programa nacional de inclusão de jovens: educação, qualificação e ação comunitária.

ALMEIDA, JALCIONE; NAVARRO, ZANDER. Reconstruindo a Agricultura – Idéias e ideais na perspectiva do desenvolvimento rural sustentável. Porto Alegre. Editora da Universidade/ UFRGS, 1997.

ALTIERI, MIGUEL. Agroecologia: Bases científicas para uma agricultura sustentável. Livraria e Editora Agropecuária Ltda. Guaíba. RS. 2002.

ARL, VALDEMAR; RHINKLIN, HANSJORG. Livro Verde 2 – Agroecologia. Cepagri e Terra Nova. Caçador/ SC. 3ª Ed. Revisada. 2001.

BONILLA, JOSÉ A. Fundamentos da Agricultura Ecológica: Sobrevivência e Qualidade de Vida. Editora Nobel. São Paulo. 1992.

CAPRA, FRITJOP. Conexões ocultas: Ciência para uma vida sustentável. São Paulo. Ed. Cultrix. 2002.

CAPRA, FRITJOP. A teia da Vida - Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. Editora Cultrix. São Paulo/ SP. 1996.

CARVALHO, HORÁCIO MARTINS DE. Comunidade de resistência e superação. Curitiba. Gráfica Editora Perez Ltda. 2002.

EHLERS, EDUARDO. Agricultura Sustentável: Origens e perspectivas de um novo paradigma. São Paulo. Livros da Terra. 1996.

EMBRAPA. Uma Agricultura Sustentável para a Segurança Alimentar. Centro de Pesquisa Agropecuária do Trópico Semi-Árido . Brasília, DF- 1998.

GLIESSMAN, STEPHEN R. Agroecologia: Processos Ecológicos em Agricultura Sustentável. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 2000.

SCHMITT, C.J. Tecendo as redes de uma nova agricultura: um estudo socioambiental da região Serrana do Rio Grande do Sul. (tese de doutorado). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2001.